

Cartas, elogios e silêncios:
temas da amizade ilustrada
de Gregorio Mayans y Siscar (1699-1781)
e Frei Manuel do Cenáculo, T.O.R. (1724-1814)

Zulmira C. Santos
Universidade do Porto

No âmbito do diálogo peninsular ao longo de setecentos, o objectivo de «ilustrar a Historia da nossa Espanha», nas sábias palavras do franciscano Frei Manuel do Cenáculo Villasboas, T.O.R., bispo de Beja, arcebispo de Évora e colaborador activo de Sebastião José de Carvalho e Melo, traduz o «espírito» de «república das letras» que cruza a centúria¹. E nesse contexto das relações entre Portugal e Espanha no tempo das «Luzes», a sombra tutelar de D. Gregorio Mayans y Siscar (1699-1781) projecta-se quase pela totalidade do século, já que a sua longa vida lhe permitiu o contacto intelectual com portugueses de diferentes gerações. Do 4.º conde de Ericeira († 1744) e D. Francisco de Almeida (†1745)², amigo empenhado na execução de edições problemáticas em Espa-

1. A expressão citada, aliás repetida com algumas alterações – «historia literaria de Espanha», por exemplo –, encontra-se na carta, datada de 29 de Novembro de 1773, enviada por Cenáculo a Gregorio Mayans: «[...] por obrigação e pelo ardente desejo de ver adiantada a historia da nossa Espanha». A correspondência trocada pelo franciscano português e pelo erudito valenciano – guardada no Fondo Serrano Morales da Biblioteca de Valência, no Colegio de Corpus Christi e na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora – foi publicada por Marie-Helène PIWNIK, «La correspondance Mayans-Cenáculo», *Arquivos do Centro Cultural Português* (Paris) vol. XXII (1986), 483-614. Todas as citações aqui usadas se referem a esta edição que passarei a designar por «La Correspondance». A missiva acima citada ocupa as páginas 536-539. A frase transcrita encontra-se na página 539.

2. Correspondência conservada no Colegio de Corpus Christi em Valência. As cartas de D. Francisco de Almeida, escritas entre 1736 e 1745, ultrapassam as três centenas. As do 4.º conde de Ericeira, de entre 1737 a 1743, são quarenta e cinco. Os milhares de cartas de Mayans y Siscar têm vindo a ser publicadas desde 1972, ano da edição de *Mayans y los médicos*, da responsabilidade de Vicent Peset, pelas Publicaciones del Ayuntamiento de Oliva, num valiosíssimo *Epistolario*, cujo volume mais recente se intitula *Cartas literarias. Correspondencia de los hermanos Mayans con los hermanos Andrés, Cerdà*

nha³, ao académico Miguel Lopes Caldeira Artur (1703-1770)⁴, membro da Real Academia de História de Madrid, ao teatino Thomas Caetano do Bem (1718-1797)⁵, a António Pereira de Figueiredo (1725-1797)⁶ ou a Frei Manuel do Cenáculo, o erudito valenciano foi criando uma verdadeira rede de relações que funcionava como meio de difusão dos seus textos e preocupações maiores e, simultaneamente, como uma espécie de teia tecida por itinerários de aquisição e troca de livros e manuscritos⁷ e, obviamente, também de formas de pressão, quando tal se lhe afigurava necessá-

y Rico, *Juan Bta. Muñoz y Vega Sentmenat* (ed. de A. Alemany Peiró), Valencia, 2000. Infelizmente, ainda não faz parte deste *Epistolario* a correspondência mantida por Mayans com figuras portuguesas contemporâneas. Aproveitamos para agradecer, penhoradamente, ao grande estudioso de Mayans que é José Luis Peset. o envio do Cd-rom, dedicado a Gregorio Mayans, recentemente publicado, e que integra a sua obra completa (Madrid, Digibis, 2002). Pelo que diz respeito à correspondência dirigida a Cenáculo, e em termos de publicação, tal espólio limita-se, tanto quanto sabemos, à edição de algumas das cartas inseridas no inventário preparado por Armando Nobre de GUSMÃO, *Catálogo da Correspondência dirigida a Frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas*, Évora, Publicações da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, 1944-1956; às duas missivas, dirigidas a Cenáculo por Andrés de Sylva, livreiro em Bruxelas, transcritas no *Arquivo de Bibliografia Portuguesa* (Coimbra), Ano V (1959), 187-189); para as missivas dirigidas a Frei Manuel do Cenáculo por Antonio Raymundo Pasqual, v. Francisco da Gama CAEIRO, *Frei Manuel do Cenáculo. Aspectos da sua actuação filosófica*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1959, 221-266 e o já citado trabalho de Marie Helène PIWNIK, «La correspondance Mayans-Cenáculo», 483-614. O estudo destas relações culturais foi feito, pelo que diz respeito a D. Gregorio, por Vicent PESET, *Gregori Mayans i la cultura de la Il·lustración* (Barcelona-Valencia, Curial y Tres i Quatre, 1975) e A. MESTRE, *Ilustración y reforma de la Iglesia. Pensamiento político-religioso de don Gregorio Mayans y Siscar (1699-1781)*, Valencia, Ayuntamiento de Oliva, 1968 e, no caso particular do valenciano e Frei Manuel do Cenáculo, por Marie-Helène PIWNIK, «La correspondance Mayans-Cenáculo. Principaux aspects», *Arquivos do Centro Cultural Português*, XX (1984), 233-311. Para as relações culturais em geral, entre os dois países ibéricos, ainda Marie-Helène PIWNIK, *Echanges Erudits dans la Péninsule Iberique (1750-1767)*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian-Centre Culturel Portugais, 1987; Id., «Un épisode des relations intellectuelles entre L'Espagne et le Portugal au XVIII^{ème} siècle: la correspondance adressée par les frères Mohedanos, Provinciaux du Tiers-Ordre Régulier de Saint François en Andalousie à Manuel do Cenáculo évêque de Beja. Essai d'une chronologie, principaux aspects», *Arquivos do Centro Cultural Português*, XI (1977), 213-254 e «Voyages au Portugal de quatre religieux espagnols du Tiers-Ordre de la Pénitence (1773)», *Bulletin des Études Portugaises et Brésiliennes*, Nouvelle Série, t. 39 e 40, (1978-1979), 25-84.

3. Sobretudo pelo que dizia respeito à *Censura de historias fabulosas* de Nicolás Antonio. V. A. MESTRE, *Ilustración y reforma de la iglesia, passim* e *Don Gregorio Mayans y Siscar entre la erudición y la política*, Valencia, Institució Alfons el Magnànim, 1999, 150-160.

4. Jurista, formado em Coimbra, foi «juiz de fora» de de Arraiolos, Serpa e Tomar e, posteriormente, Provedor de Portalegre e «Provedor togado» de Évora. Barbosa Machado atribui-lhe diversos manuscritos, mas anota apenas uma obra publicada intitulada *Elogio funebre do Senhor Francisco de Mello, quarto senhor da villa de Ficalbo, Commendador das Comendas de S. Martinho de Pinhel, e S. Pedro das Gouveias, na Ordem de Christo, offerece a seu pae o Ill.^{mo} e Exc.^{mo} Antonio Telles da Silva* (Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, Coimbra, Atlântida Editora, 1977, Tomo IV, Suplemento, 230). A correspondência enviada por Lopes Caldeira a D. Gregorio, também guardada no Colegio de Corpus Christi em Valencia, integra quarenta e seis cartas redigidas em português e em espanhol, no lapso de tempo decorrente entre 5 de Dezembro de 1757 e 29 de Outubro de 1769. Existem ainda mais três missivas dirigidas ao irmão mais novo de Mayans, Juan Antonio, seu muito íntimo colaborador, como é sabido (Amparo Alemany PEIRÓ, *Juan Mayans y Siscar (1718-1801). Esplendor y crisis de la Ilustración valenciana*, Valencia, Publicaciones del Ayuntamiento de Oliva, 1994). D. Gregorio escreveu a Lopes Caldeira um total de vinte cartas entre 4 de Fevereiro de 1758 e 14 de Dezembro de 1761. Segundo Marie-Helène Piwnik, que estudou esta correspondência, terão presumivelmente existido outras cartas do valenciano que «ne semblent pas avoir été archivées», perfazendo um conjunto de sessenta e nove (Marie-Helène PIWNIK, *Echanges Erudits*, 186-232, esp. 188).

5. Para a troca de correspondência entre Caetano do Bem e Mayans, guardada em Corpus Christi (dez cartas do teatino a Mayans, entre 1654 e 1761) e na Biblioteca Nacional de Lisboa (doze missivas do valenciano, datadas do período de tempo entre 1754 e 1761- Mss. Caixa 56/12), ver Marie-Helène PIWNIK, *Echanges erudits*, 161-181.

6. Correspondência iniciada em 1754. V. M.H. PIWNIK, *Echanges erudits, passim*; Vicente PESET, *La cultura de la ilustración, passim*; A. MESTRE, *Ilustración y reforma de la iglesia, passim*.

7. Para além da bibliografia já citada, ver também, sobre esta questão, o recente estudo de Antonio MESTRE, «La formación de la biblioteca de un erudito de la ilustración: Mayans y Siscar» em *De libros, librerías, imprentas y lectores* (dir. por Pedro M. Cátedra y Maria-Luisa López-Vidriero), *El Libro Antiguo Español VI* (Salamanca), SEMYR, 2002, 219-239.

rio⁸. Em todo o caso, a figura de Mayans parece ter exercido, sobre várias gerações de intelectuais portugueses, um magistério de cariz científico – que incluía pedidos de informação e algum júbilo pelos comentários de apreço às suas próprias obras – que lhe permitia sublinhar as actividades dos diferentes sectores intelectuais que, em Portugal, se iam empenhando na defesa de um humanismo crítico, baseado numa erudição que não dispensava o conhecimento do latim, do grego, do hebraico e das línguas orientais. Desse ponto de vista, como sugeriu Marie-Hélène Piwnik, D. Gregorio foi talvez mais apreciado em Portugal que no seu próprio país, embora a medida disponível para essa valorização seja a correspondência trocada com portugueses que, naturalmente, em pouco poderiam contribuir para a concretização dos seus projectos, enquanto no país vizinho a pouca aceitação das suas propostas de reforma – o que pode não querer significar pouco apreço «literário», mas escassa concretização institucional –, em muito se prende, entre outras razões, às simpatias «austracista» da família Mayans⁹. Tendo em conta o contexto assinalado, e revisitando as cartas publicadas por Piwnik, que delas estudou os principais aspectos, procurarei repensar, e não mais do que isto, uma vertente particular e pontual da correspondência trocada entre Frei Manuel do Cenáculo e D. Gregorio Mayans y Siscar: as apreciações que ambos teceram face aos comuns esforços de reforma pedagógica, espelhados nos respectivos «planos de estudo».

Planos e cartas

Publicado pela primeira vez em 1769, sob o título *Plano dos estudos para a Congregação dos religiosos da Ordem Terceira de S. Francisco de Portugal* (Lisboa, Regia Off. Typografica), o texto em que Cenáculo traça o itinerário de estudos para os Terceiros de Portugal foi reeditado em 1776, em conjunto com outros documentos, debaixo da designação *Disposições do Superior Provincial para a observancia regular, e literaria da Congregação da Ordem Terceira de S. Francisco destes reinos, feitas em o anno de mil setecentos sessente e nove, e setenta. Tomo primeiro* (Lisboa, Na Regia Officina Typografica, Anno M. DCC. LXXVI)¹⁰. Com objectivos claramente diferenciados, já que se orientava para os estudos universitários, o primeiro «plano de estudos» de D. Gregorio, terminado em 1 de Abril de 1767 – *Idea del nuevo metodo que se puede practicar en la enseñanza de las universidades de España* – não chegou a ser editado a não ser em 1975 por Mariano e Jose Luis Peset¹¹.

Como se vê, as datas de redacção revelam-se muito próximas: 1767 para Mayans – o envio a Roda ter-se-á processado por Abril ou Maio¹² – finais de 1768 ou, com maior precisão, Novembro

8. Pelo que se refere, por exemplo, à concessão do canonicato de Valencia a Juan Antonio, seu irmão, e ao pedido a Cenáculo de influência junto do confessor do rei, Frei Joaquín de Eleta (carta de Mayans a Cenáculo de 12 de Maio de 1770, transcrita por M. H. PIWNIK, «La Correspondance», 509).

9. Apreciação que o grande estudioso de D. Gregorio que é Antonio Mestre corrobora, ao afirmar: «Sobre este particular, conviene recordar un juicio de Madame Piwnik, que ha estudiado con atención las relaciones culturales entre España y Portugal durante el siglo XVIII: los proyectos de Mayans estaban más en la línea de las reformas pombalianas que de las realizadas por los gobiernos borbónicos de Madrid, que no hicieron caso de las ideas del valenciano. En este sentido, resulta plenamente choerente que Don Gregorio celebrara el espíritu que movía las reformas culturales de Portugal». (A. MESTRE, *Don Gregorio Mayans y Siscar entre la erudición y la política*, 350).

10. Esta edição inclui, na *Disposición Segunda*, o *Plano dos Estudos para a Congregação dos Religiosos da Ordem Terceira de S. Francisco do Reino de Portugal* que integra algumas diferenças, essencialmente omissões, face à lição de 1769.

11. M. y José Luis PESET, *Gregorio Mayans y la reforma universitaria. Idea del nuevo metodo que se puede practicar en la enseñanza de las universidades de España*. Valencia, 1975.

12. M. y José Luis PESET, *Gregorio Mayans y la reforma universitaria. Idea del nuevo metodo que se puede practicar en la enseñanza de las universidades de España* e A. MESTRE, *Don Gregorio Mayans y Siscar entre la erudición y la política*, 324.

de 1768, para o franciscano português. De acordo com a letra de uma missiva enviada a D. Juan Antonio e datada de 1-XI-1768, o plano de Cenáculo ficou pronto nesse mês: «acabo de fazer o Plano de estudos para a minha congregação; mandarei copia na primeira oportunidade depois que o ministerio o expedir»¹³. De resto, embora Frei Manuel pudesse ter colocado anteriormente a necessidade de reformar os estudos da Ordem Terceira, procurando compaginá-los com as preocupações de erudição e humanismo crítico que iam fazendo o seu caminho ao longo de setecentos, tal possibilidade, do ponto de vista institucional, só se terá concretizado aquando da sua nomeação como Provincial, em Março de 1768, e depois da participação no Capítulo Geral da Ordem em Valência.

Aliás, 1768, ano de tantos e tão complexos acontecimentos plenos de repercussões no Portugal pombalino, foi também a data do início da troca de cartas entre Frei Manuel do Cenáculo e Gregorio Mayans. O franciscano tinha estado em Valência, como se disse, para assistir ao Capítulo geral da Ordem, de onde saiu nomeado Definidor Geral para a Península Ibérica, com a autorização do Geral Pedro Juan de Molina¹⁴, «un grande de Espanã», para proceder à reforma dos estudos da sua Província. Entre 1757 e 1768, Cenáculo havia sido Cronista da Província, Examinador das Igrejas e Benefícios das Ordens militares, Qualificador do Santo Ofício, Ministro consultor da Santa Cruzada, Capelão-mor das armadas reais¹⁵. Neste mesmo ano tinha-se tornado Provincial e nessa qualidade se desloca a Valência, funções que conservou até 1777. Os biógrafos de Frei Manuel referem com insistência a oração em latim que terá proferido de improviso em plena assembleia e que em muito teria impressionado Frei Pedro de Molina e muitos valencianos ilustres, chegando a circular manuscrita e tendo até estado para ser impressa., tendo, muito provavelmente, contribuído para que lhe tivesse sido atribuído a função de Definidor-Geral¹⁶. Em todo o caso, o facto de ser já por esses anos figura de notável influência nos círculos pombalinos poderá ter pesado nesse acumular de cargos que Frei Manuel do Cenáculo procurou desempenhar com rigor,

13. Carta de Frei Manuel do Cenáculo a Juan Antonio Mayans y Siscar datada de Lisboa, 1-XI-1768 (transcrita por Marie-Hélène PIWNIK, «La correspondance», 488).

14. Frei Pedro de Molina tinha sido justamente o Geral que havia aprovado, em 7 de Novembro de 1755, a obra sobre a Imaculada Conceição intitulada *Dissertação theologica, historica, critica sobre a definibilidade do Mysterio da Conceição Immaculada de Maria santissima* (Lisboa: 1758, Na Officina de Joseph da Costa; Coimbra.) que tantos embaraços causou ao Santo Ofício. A «Dedicatória» da *Dissertação* é dirigida a Pedro de Molina, sobre quem o franciscano português havia pedido informações em anos anteriores. Em carta datada de 18 de Abril de 1755, Raymundo Pasqual, dirigindo-se a Frei Manuel, escreve: «Por ahora remito con esta un papel impresso, para las noticias de el R.mo Molina. El r.m.º Torre aun no ha respondido sobre el asunto; y dificulto, que por pura memoria, pueda responder con exactitud à la pregunta, no obstante, que segunda vez se le ha escrito. Es constante que el R.m.º P. Fr. Pedro de Juan de Molina es Grande de Hespaña de primera classe [...]» (Francisco da Gama CAEIRO, *Frei Manuel do Cenáculo*, 249). A Mayans, que sempre tinha defendido as posições dos franciscanos sobre a Imaculada Conceição, a leitura da obra de Muratori, *De superstitione Vitanda*, trouxera algumas dúvidas: «se [...] clavó en el corazón una espina que me causa mucho dolor, y quiero ver si, pera arrancarla, y esperar que llegará el tiempo de esta deseada definición de la Iglesia catolica, será buen remedio la lectura del Libro de V.S. Il.ª [A *Dissertação Theologica* de Cenáculo]» (carta de G. Mayans a Frei Manuel do Cenáculo in M-H PIWNIK, «La Correspondance», 519).

15. V. Francisco Manuel Trígoso d'Aragão MORATO, «Elogio historico do Excelentissimo e Reverendissimo D. Fr. Manuel do Cenáculo Arcebispo d'Évora» em *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, tomo IV, Parte I, Lisboa, 1815, LXIII-CVIII. J. MARCADÉ, *Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas, évêque de Beja, archevêque d' Evora (1770-1814)*, Paris, F.C.G.-C.C.P., 1978, 33-49.

16. Carta de Cenáculo a Juan Antonio Mayans y Siscar, de 30 de Julho de 1768 (M. H. PIWNIK, «La Correspondance», 488): «Por Madrid me constou que se imprimira a Oração»; carta de 1 de Novembro de 1768 («La correspondance», 489): «Ainda não recebi exempar algum dessa jargonada que recitei no Capitulo Geral, nem sei entender este passo, sobre o que queira V. I.ª dar-me algumas luzes, de que he capaz a minha consideração filosófica».

pesem embora opiniões divergentes em figura que pela sua dedicação a Pombal suscita ainda hoje alguma controvérsia.

Pelo que diz respeito à reforma dos estudos da sua ordem, Frei Manuel conferiu-lhe uma importância fundamental que Trigoso, no *Elogio* que lhe teceu, procurou sintetizar pelas palavras – «hum so premio ousou elle a pertender, que era a permissão para reformar os Estudos da sua Provincia»¹⁷. Os esforços de reforma da Ordem Terceira não constituíam novidade: Frei Pedro José Esteves que professou em 1722 e Frei Joaquim de S. José [1707-1755] provam essa necessidade mesmo antes de Frei Manuel¹⁸. Ele próprio refere os trinta anos de trabalho e reflexão que escoraram os seus projectos de reforma gerais¹⁹. Não surpreende, assim, que tenha procurado comunicar a Mayans a efectiva concretização de tal plano, na medida em que o valenciano sempre se mostrara vivamente empenhado em trabalhos de reforma pedagógica, em cujo contexto muito fez pesar a questão da Gramática Latina que polarizará grande parte das considerações tecidas em inúmeras cartas.

A missiva acima citada, em que refere expressamente a conclusão do «Plano», alegando, em *post-scriptum*, tê-lo terminado nesse Novembro de 1768, é a primeira que envia a D. Juan Antonio, desde o início deste comércio epistolográfico com os irmãos Mayans, iniciado a 19 de Julho, quando Cenáculo já havia regressado de Valência, e prosseguido em 30 de Agosto do mesmo ano em carta a D. Gregorio. A partir deste «momento», não deixa de ser curioso seguir o rasto de ambos os planos, nos juízos, alusões ou silêncios que ambos os correspondentes lhes dedicaram²⁰.

Dado o peso específico que o franciscano português atribuía à reforma de estudos da sua ordem, preso a uma erudição que pugnava pelo acesso directo às fontes e pelo regresso a uma certa pureza original dos discípulos do santo de Assis, em tempos que viam crescer exponencialmente a polémica sobre a existência e funcionalidade das congregações religiosas, seriam de esperar comentários, explicações ou até esclarecimentos pedidos. As matérias pedagógicas sempre tinham interessado D. Gregorio. Nos seus milhares de cartas²¹, enviadas a um número considerável de correspondentes – influentes, de um modo geral –, raramente estão ausentes reflexões desse teor, se bem que grande parte delas coagule nos métodos de discussão do ensino da Gramática latina ou no rigor específico da história crítica e do acesso às fontes originais. Não obstante, por estranho que possa parecer, os «planos de estudo» de um e de outro – embora vocacionados, como acima se sublinhou, para ambientes e objectivos diversos (e haveria grande diferença nos estratos universitários, ou não, que integravam a «república das letras»?) não ocupam, no contexto geral da correspondência, um espaço substancial, salvo para um momento particular em que Juan Antonio copia para Frei Manuel os temas fundamentais do plano de estudos particular para a universidade de Valência, ou quando o valenciano aprecia, não o projecto do franciscano para a sua ordem, mas sim os Estatutos da Universidade de Coimbra em que este havia colaborado.

Tracemos este itinerário particular, procurando precisar todos os seus momentos. Em 1 de

17. Francisco Manuel Trigoso d'Aragão MORATO, «Elogio historico do Excelentissimo e Reverendissimo D. Fr. Manuel do Cenáculo Arcebispo d'Évora», LXXVI.

18. Alberto António Banha de ANDRADE, *Vernei e a cultura do seu tempo*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1965, 163-165.

19. Frei Manuel do CENÁCULO, *Memórias Historicas do ministerio do Púlpito por hum Religioso da Ordem Terceira de S. Francisco*, Na Regia Officina Typografica, Anno MDCCLXXVI, 197.

20. Prosseguindo a via aberta por Marie-Helène PIWNIK, «La correspondance Mayans-Cenáculo. Principaux aspects», cit.

21. Hoje passíveis de estudo nessa preciosíssima publicação, que ainda decorre, do *Epistolario*, pelo Ayuntamiento de Valencia.

Novembro de 1768, Cenáculo anuncia que o seu Plano está concluído, prontificando-se a enviá-lo em ocasião conveniente. Em carta de 26 do mesmo mês, o valenciano anota que o «Plan General de todos los Estudios», em que depositava muitas esperanças, será apreciado pelo Consejo de Castilla: «Se trata de examinar en la Sala primera de Gobierno del Consejo de Castilla mi Plan general de todos los Estudios para Reforma de las Universidades: se aprueba, verá V. R.m.^a hasta donde llegan mis deseos. Ruego a V. R.m.^a a Dios que me dê luz i fortaleza, como mi Hermano i yo suplicamos a su Divina Magestad que continúe en ilustrar el animo de V. R.m.^a para hacer bien al Publico, i mande V. R. a toda esta mi familia, que desea a V. R.m.^a suma prosperidad en todo»²². Posteriormente, em carta de 31 de Janeiro de 1769, Cenáculo, que tinha aventado a intenção de enviar oportunamente o projecto, reitera tê-lo concluído, mas não poder fazê-lo chegar por ser «largo»: «Tenho concluído o meo Plano de estudos para uzo da minha congregação. Espero que El-Rey o confirme, e como he largo, não posso por hora mandar copia»²³. Juntamente com o seu «Plano», Frei Manuel pretendia mandar também o «Plano que El-Rey fez para a Universidade de Coimbra», sublinhando que «não falta aqui [em Portugal?] barbaridade e fanatismo atrevido: mas acha de encontro hum Ministerio forte e seguro Majestatis Suae»²⁴. Contudo, e a leitura das cartas não parece suportar outra interpretação, num primeiro momento, tal envio restringiu-se ao «Plano de Estudos» da Ordem Terceira, pois, como se verá, D. Gregorio receberá mais tarde os *Estatutos* já editados²⁵. Em carta de 25 de Julho de 1769, isto é, quase oito meses depois, o franciscano procede, finalmente, ao envio do seu projecto, para o qual solicita as correcções de Mayans: «[...] se me fosse possível deter em Valença mais tempo, deixaria de pedir agora a V. S. Il.m.^a que relevasse os erros e omissões do Plano que offereço: mas eu ainda posso fazer hum Appendix de correcções. Não he crível como entre tantos cuidados me dezenganasse a esse trabalho, mas eu tenho dezejos de ser útil ao mundo, ainda que cheio de fadigas e distracções. Eu mesmo sey o que falta nesse Plano, mas basta de satisfações por parte do amor proprio»²⁶.

Não obstante, alguns meses depois, em carta de Novembro de 1769, Cenáculo alega não ter obtido qualquer resposta ao pedido feito, embora a reforma já estivesse em marcha desde há alguns meses²⁷. Questionando-se sobre os muitos trabalhos e afazeres de D. Gregorio ou as fadigas que o poderiam, eventualmente, ter impedido de atender a solicitação feita, Frei Manuel do Cenáculo deixa contudo escapar alguma perplexidade: «No dia 25 de Julho escrevi a V. S. Ill.^a e remetti hum plano de estudos que faço observar nesta minha Congregação, e huma nota sobre as edições feitas em Portugal no século 15. Tenho querido persuadir-me que as fadigas de V. S. Ill.^a o tem embaraçado para me escrever ate ao presente, porque na verdade as Pessoas tão occupadas como V. S. Ill.^a nem sempre tem liberdade para obrigar os amigos com frequencia de cartas»²⁸.

Não tendo surtido efeito este primeiro envio do Plano, Cenáculo dispõe-se a efectuar nova

22. M. H. PIWNIK, «La correspondance», 492.

23. M. H. PIWNIK, «La correspondance», 495-496.

24. M. H. PIWNIK, «La correspondance», 496. Esta aproximação dos dois planos levou Trigoso e depois outros estudiosos a aproximar a gestação do Plano de Estudos da Ordem Terceira dos Estatutos da Universidade de Coimbra. Tal aproximação, estudo ainda por fazer, em termos exaustivos, deverá ter em conta as cautelas enunciadas por F. Gama CAEIRO, *Frei Manuel do Cenáculo*, esp. 66.

25. *Estatutos da Universidade de Coimbra, compilados debaixo da immediata e suprema inspecção de El Rei D. José I*, Lisboa, Regia Officina Typografica, 1772.

26. M. H. PIWNIK, «La correspondance», 500.

27. Por carta posterior, datada de 29 de Novembro de 1773, saberemos, porém, que as aulas efectivas só tiveram início em 1770: «Porem Aulas com formalidade ha somente tres anos que se estabeleceram» (M. H. PIWNIK, «La correspondance», 538).

28. M. H. PIWNIK, «La correspondance», 503.

remessa, na suposição de que tenha havido extravio: «Cançado de esperar escrevi a V. S. I. A 28 de Novembro e enviava duas Pragmaticas que dezejo vão sem perda, como entendo se extravaião as Leys que publiquei para os Estudos da minha congregação, as quaes remetti a V. S. I. No dia 15 de Julho, porque desejando eu saber o juizo de V. S. I., he assunto em que me não falla na sua carta de 25 de Novembro, e por cautella remetto outro Plano, e repitirei Memoria das edições em Portugal no seculo de 400, que tão bem creio se perdeo»²⁹. E é esta a última referência directa ao «Plano de Estudos». Frei Manuel não insiste, nem volta a designá-lo directamente e Mayans não chega a apreciá-lo nas cartas que escreve. De qualquer modo, a pista seguida revela que o franciscano enviou por duas vezes o Plano – uma em 25 de Julho de 1769, outra em 11 de Dezembro do mesmo ano –, pedindo, expressamente, na primeira, correcções ou apreciações e manifestando a sua disponibilidade para as aceitar de bom-grado. Tais solicitações não encontraram, todavia, eco no valenciano. Por falta de tempo? Por falta de interesse? De uma forma ou de outra, a leitura das missivas trocadas permite concluir que se D. Gregorio não patenteou um interesse directo pelo «Plano de Estudos» da Ordem Terceira, não deixou posteriormente de se congratular com os efeitos e consequências da aplicação desse projecto. Alguns anos mais tarde, em carta de 6 de Novembro de 1773, Mayans elogiará o «methodo de estudios» do franciscano português, mas não directamente o «Plano de Estudos da Ordem Terceira», acentuando o muito que o «Reino de Portugal» lhe deve, «pues su sabia direccion ha hecho oír publicamente que los que han seguido su methodo de estudios, en poquissimo tiempo han hecho maravillosos progressos en las Lenguas eruditas, Hebrea, arabiga, i Grega, condutos necesarios para beber de las fuentes la verdadera sabiduria»³⁰. Destacará, uma vez mais, o curto lapso de tempo necessário para a aprendizagem, circunstância que, em sua opinião, e na de muitos ilustrados contemporâneos, como se sabe, prova a eficácia da metodologia utilizada: «I lo que es mas de admirar, esos grandes progressos se han hecho en poquissimo tiempo, manifesta prueba de que el methdo de la enseñanza ha sido el que deve ser»³¹.

Entre silêncios – voluntários?.. – ou felicitações efusivas, parece possível perfilar o ângulo de apreciação de D. Gregorio. Não lhe merecem muita atenção os planos de estudos de institutos religiosos *per se* e globalmente, mas importam-lhe de sobremaneira as diferentes configurações de metodologias de ensino que proporcionem à juventude acesso seguro e rigoroso às fontes documentais, pelo domínio do latim, do grego, do hebraico, do árabe. E, desse ponto de vista, Cenáculo e Mayans travavam um mesmo combate que, no caso do franciscano, terá obtido algum sucesso, logo nas primícias da aplicação do «Plano de Estudos» em causa. De resto, quando anuncia, pela segunda vez, o envio do seu projecto, em carta de 31 de Dezembro de 1769, Frei Manuel afirmava já: «Tenho hum bom professor de grego para dentro dos claustros, Religiozo mesmo da Provincia. Tenho por meo Hospede hum Hebreo convertido, que sabe a sua Lingoa, Chaldaica, Rabinica, Arabiga, e muitas vivas»³², informações que completavam as da carta anterior de 25 de Julho de 1769, em que dizia remeter o texto em causa: «Tenho hum excellente canonista, hum Grego vasto, ambos religiosos desta Provincia. Vão adiantados outros dois no estudo hebraico. Começa outro o arabigo, e he muito habil. Para o mais não falta, ainda que não podem ser ja completos todos os collegios»³³.

Elogios claros e bem mais ditirâmbicos, Mayans parece tê-los guardado para os *Estatutos da*

29. M. H. PIWNIK, «La correspondance», 504.

30. M. H. PIWNIK, «La correspondance», 533.

31. M. H. PIWNIK, «La correspondance», 533.

32. M. H. PIWNIK, «La correspondance», 496.

33. M. H. PIWNIK, «La correspondance», 500.

Universidade de Coimbra que Frei Manuel lhe enviou em 6 de Dezembro de 1772³⁴ ou mesmo para o *Compendio historico*³⁵, anteriormente remetido em 25 de Novembro de 1771, que entende ser da autoria de Cenáculo, pela erudição patenteada: «Por mas que V. S. Il.^{ma} aya querido ocultar su Nombre en el Compendio Historico del Estado del Universidad de Coimbra en tiempo de la invasion de los lhamados Jesuitas, descubre a su sabio Autor aquella abundancia de exquisita erudicion, discretamente ordenada, en que està recogido todo lo mejor que hasta hoi se ha dicho contra la anti-moral enseñanza de la Gente Social, i mucho mas que ha añadido la dilatadissima letura i suma diligencia de V. S. Il.^{ma} que no acabo de admirar dignamente»³⁶. Face aos *Estatutos*, enviados através do comum amigo Pingarrón e para os quais o franciscano solicitava parecer, em carta seguinte de 24 de Janeiro de 1773³⁷, reiterando o anterior envio, Gregorio Mayans considerará, tão apenas em Abril do ano seguinte³⁸, depois de ter anotado, em missiva de 8 de Fevereiro de 1773, não os ter ainda recebido, provavelmente porque Pingarrón «queria hacer extracto» por «la passion que no puede dissimular a la Gente Social»³⁹, que «los Estatutos de la Universidad de Coimbra son una obra felicíssima formada despues de los estudios de los mejores libros, i despues de una larga i profunda meditación, acompañada de singular destreza en saber ordenar los Pensamientos mas utiles para el adelantamiento de las Ciencias i Artes». Mais maravilhoso que tudo, todavia, se afigurava a D. Gregorio o facto de parecendo os estatutos, na sua totalidade, «mas ideales que practicables» estes tenham obtido concretização imediata, essencialmente pelo que respeitava à existência de «sabios compendios» sem os quais seria impossível levar a cabo a reforma em causa. Apesar dos elogios prodigalizados, ou não fosse Cenáculo, a quem se dirigia a carta, também um dos autores, Mayans deixa transparecer, como já sugeriu Marie-Helène Piwnik, alguns laivos de ironia, ao afirmar, em sequência, o carácter quase utópico da reforma pombalina: «De otra suerte los Estatutos se tendrían por impracticables, i por dignos de publicarse en una universidad idealmente establecida en la Republica de Platon, o en la Utopia de Thomas Moro»⁴⁰.

Se lembrarmos os comentários jubilosos, para com os Estatutos, dos membros ilustres da Ordem Terceira na Província da Andaluzia que eram os irmãos Mohedano, que os qualificaram, em carta a Cenáculo, como «un establecimiento literario el más sólido, el más amplio, el más sublime, el más util que pudo caber en mente humana»⁴¹, a reacção de Mayans afigura-se bem

34. M. H. PIWNIK, «La correspondance», 526: «No domingo seis do corrente enviei a V. S. Ill.^{ma} hum jogo dos novos Estatutos para a Universidade de Coimbra em tres volumes dirigidos a Madrid ao Snr. Pingarron». Carta de 24 de Janeiro de 1773 («La correspondance», 528): «Remetti a V. S. Ill.^{mo} tres volumes da Historia da Universidade, digo dos Estatutos da Universidade de Coimbra. V. Ill.^{mo} he Juiz competente pelas sua luzes e grande instrucção. Posso assegurar a V. S. Ill.^{mo} que se fazem efficazes todos os meios de que se pratique o Estatuto. Todos os Professores são portugueses, excepto tres de Mathematica, e Physica Experimental, e dois de Medicina».

35. *Compendio Historico do Estado da Universidade de Coimbra, no tempo da invasão dos denominados jesuítas, e dos estragos feitos nas Sciencias, e nos professores e directores que a regiam pela machinação e publicação dos novos estatutos por elles fabricados*, Lisboa, Regia Officina Typografica, 1771.

36. M. H. PIWNIK, «La correspondance», 518.

37. M. H. PIWNIK, «La correspondance», art. cit., 528: «Remetti a V. S. Ill.^{mo} tres volumes da Historia da Universidade, digo dos Estatutos da Universidade de Coimbra. V. Ill.^{mo} he Juiz competente pelas sua luzes e grande instrucção. Posso assegurar a V. S. Ill.^{mo} que se fazem efficazes todos os meios de que se pratique o Estatuto. Todos os Professores são portugueses, excepto tres de Mathematica, e Physica Experimental, e dois de Medicina».

38. M. H. PIWNIK, «La correspondance», 539.

39. M. H. PIWNIK, «La correspondance», 529.

40. M. H. PIWNIK, «La correspondance», 540.

41. Carta de Rafael Rodríguez Mohedano a Frei Manuel do Cenáculo em M.-H. PIWNIK, «Relations intellectuelles entre l'Espagne et le Portugal au XVIII^{ème} siècle», Annexe IV, 251.

mais moderada e, essencialmente, mais cautelosa. De resto, a amargura sentida pelo pouco sucesso institucional dos seus próprios projectos de reforma pedagógica emerge neste contexto em que as comparações, por mais odiosas que pudessem parecer, se afiguravam inevitáveis: «Continue V. Ex.^a en premiar mi docilidad con sus liberalísimos dones literarios, que son el pasto de mi Entendimiento i el desahogo de mi animo, mui disgustado de ver que las ideas que yo he tenido i tengo de que se promuevan las letras en la devida felicidad, aun siendo publicamente favorecidas i autorizadas del Rey, mi Señor, i de su consejo Supremo, todavia no han tenido efeto por causa de una ignorancia contumaz, animada de supersticion, Quiera Dios que los buenos egemplos de esse reino, autorizados por una feliz experiencia, puedan mas que mis consejos e amonestaciones»⁴².

Face ao exposto, haverá que concluir que o erudito valenciano prestou bem mais atenção a Cenáculo, enquanto também autor dos *Estatutos da Universidade de Coimbra*, isto é, na sua qualidade de membro da Junta de Providência Literária, que como reformador de estudos da Ordem Terceira. Importará notar, todavia, que os anos em que Cenáculo faz chegar o seu Plano de Estudos a Mayans coincidem com o período conturbado em que o valenciano gostaria de ter visto aprovado o seu próprio plano para todas as universidades, a *Idea del nuevo método que se puede practicar en la enseñanza de las universidades de España*. O seu interesse na área vinha de longe – expresso na *Carta-Dedicatoria* a Patiño (1734), na longa missiva de 10 de Fevereiro de 1748 ao jesuíta Rávago⁴³, ou nos «informes» orientados para a reforma da Universidade de Alcalá⁴⁴ –; no entanto, entre Abril de 1767, tempo da expulsão dos jesuítas em Espanha, e 1769, ano em que Olavide apresentou o plano exclusivo da Universidade de Sevilha, ao qual se seguiram vários outros – Valladolid, Salamanca, Alcalá, Santiago de Compostela... –, inviabilizando uma reforma geral, Mayans foi travando um árduo combate, destinado ao fracasso, em prol da aplicação das suas ideias pedagógicas. Talvez por isso mesmo, não tivesse grande ânimo para comentar o projecto particular de uma congregação religiosa, mesmo que este comportasse também a revalorização de um humanismo crítico escorado nas línguas que facultavam o acesso rigoroso aos textos sagrados, num ramo dos discípulos de S. Francisco que prezava a erudição, a cultura, a preparação intelectual intensa dos seus membros, almejando tornar-se uma ordem intelectualmente prestigiada no âmbito da família franciscana e no contexto dos institutos religiosos em geral⁴⁵.

Atrevemo-nos a sugerir, até, que teria havido um motivo mais preciso que muito provavelmente justificava o silêncio de D. Gregorio. No seu plano, que havia enviado a Roda, tecia considerações críticas, no capítulo referente à Escolástica, sobre a eventual responsabilidade dos religiosos no surgimento de diferentes escolas de pensamento, criando a ligação entre as congregações regulares e os diferentes sistemas escolásticos: «Hay cátedras de Santo Tomás, de san Buenaventura, de Escoto, de Alberto Magno, Durando, de S. Pedro Pascual y otras; se puede instituir una cátedra de opiniones escolasticas, referiendo las particulares de dichos autores y añadiendo el juicio que se debe hacer sobre ellas»⁴⁶. A aturada defesa do lulismo, desenvolvida por Frei Manuel, e aliás em algum momento aceite por Mayans, poderia ter contribuído, pelo menos globalmente, para esta

42. M. H. PIWNIK, «La correspondance», 540.

43. José F. ALCARAZ GÓMEZ, *Jesuítas y reformismo. El padre Francisco de Rávago (1747-1755)*, Valencia, Facultad de Teología San Vicente Ferrer, 1995.

44. A. MESTRE, *Don Gregorio Mayans y Siscar*, 322.

45. *Plano de Estudos*, 1 «Parte Primeira – Dos Professores em particular, e outras occupações pertencentes à consistência, e perfeição dos Estudos».

46. M. y José Luis PESET, *Gregorio Mayans y la reforma de las universidades, Idea del nuevo método*, I, cap. 4.

identificação que o erudito valenciano pretendia ver irradiada das universidades⁴⁷. De resto, D. Gregorio sempre tinha manifestado alguma desconfiança face à posição dos religiosos na Universidade. Para ele, e talvez esta circunstância possa contribuir para esclarecer alguma aparente menorização do «Plano de Estudos» da Ordem Terceira, as reformas pedagógicas dos regulares tinham uma dimensão interna e estes não deveriam sequer ocupar a docência nas universidades⁴⁸. Para além disso, este era o tempo em que o seu próprio plano de estudos, para as universidades em geral, esteve em apreciação e, talvez também por esse motivo, D. Gregorio não quisesse emitir opinião, e muito menos comentar, um plano particular que o obrigaria, certamente, a comparações com aquele que elaborara.

Por outro lado, a reforma da Universidade de Coimbra, que ocorria numa data, 1772, em que o seu plano geral já tinha efectivamente fracassado, do ponto de vista institucional, e que lhe merece elogios tingidos de alguma amarga ironia, ao contrário do absoluto silêncio despertado pelo projecto individual de Cenáculo, não podia certamente comparar-se, nem em importância nem em repercussão, ao plano de estudos de uma congregação, embora nesta merecessem relevo os esforços em prol do estudo do latim e das línguas orientais. A reforma da Universidade era, por excelência, a reforma, o projecto maior que poderia e deveria traduzir os avanços científicos do país, aquele em que, pelo seu lado, se havia longamente empenhado e que, ao contrário de Frei Manuel do Cenáculo, não tinha visto coroado de sucesso. Importará notar ainda, procurando ler nas entrelinhas das cartas enviadas, que a ironia amarga de Mayans se poderá também prender ao facto do valenciano ter sempre pugnado pela existência de compêndios que suportassem os diferentes esforços de reforma, tendo procurado contribuir pela sua própria produção «literario-pedagógica» para suprir tal falta. Uma coisa era o projecto no papel, fecundo de potenciais realizações, outra a execução concreta. Como ensinar latim, depressa e com rigor, sem gramáticas ou manuais adequados? Como aprender Direito, Medicina ou Matemática, sem estarem disponíveis os autores europeus mais credenciados na área? Algum do cepticismo de D Gregorio face à reforma pombalina, pesem embora os elogios feitos, provém desta dúvida permanente: existiriam condições suficientes, em termos de compêndios necessários e professores disponíveis, para permitir o avanço dos estudos?

Curiosamente, Frei Manuel do Cenáculo não foi sensível a tais dúvidas, envolvidas no véu da apreciação elogiosa, embora em carta do ano seguinte, de 29 de Novembro de 1773, tivesse tido o cuidado de traçar para D. Gregorio o panorama de compêndios e professores que permitiam o avanço dos estudos na sua congregação⁴⁹. Respondeu com um silêncio que acabou até por manter-se, embora aqui claramente expresso e tendencialmente explicado, em relação ao plano de estudos particular preparado por D. Gregorio para a Universidade de Valência. Na verdade, em carta datada de 29 de Setembro de 1772, o franciscano tinha solicitado a Mayans o envio do plano de estudos para a Universidade valenciana :«V. S. ILL.^{mo} me dará o maior prazer se me participar

47. Sobre o «Julismo» de Cenáculo v. F. da Gama CAEIRO, *Frei Manuel do Cenáculo*, 25-34. v. J. F. ALCARAZ GÓMEZ, *Jesuitas y reformismo. El padre Francisco de Rávago (1747-1755)*, 369-372.

48. A. MESTRE, *Don Gregorio Mayans y Siscar*, 325.

49. M. H. PIWNIK, «La correspondance», 537-538: «a arte hebraica feita pelo Religioso Professor corre aqui com aceitação. Actualmente se está imprimindo a outra Arte Arabica, feita pelo Professor desta Lingoa. Tambem se esta imprimindo actualmente hum Tratado feito pelo mesmo Professor de hebreo e hum Elencho das palavras hebraicas irregulares [...] na primeira oportunidade mandarei a Arte hebraica ja impressa, e huns Opusculos para servirem aos Principiantes que não são outra coisa mais que a reimpressão de semelhantes obritas. São ellas: 1.º O tratado de Diplomatica dos Maurianos, mesmo em francez [...].»

hum Exemplar do Methodo que ideou e dispoz para os Estudos dessa Universidade, que eu não posso deixar de os ver com sumo respeito e conceito, pelo impulso que me imprime a licção das obras de V. S. Ill.^{mo}, e determinadamente pela delicadeza justa e sabia, com que nos direitos V. S. Ill.^{mo} mostra conhecer profundamente a diferença do bom, do máo e do optimo»⁵⁰. E, neste contexto preciso, D. Gregorio apressou-se a responder, traçando um resumo do seu projecto, na medida em que, mantendo as esperanças de publicação, não se lhe afigurava absolutamente necessário a remessa de cópias. Apesar de uma atenção ao pormenor, sobretudo em tudo quanto se prendia com a aprendizagem da gramática latina, essa preocupação maior do valenciano que procurava divulgar os pequenos manuais que sustentariam esse ensino – o Tulio, por exemplo, (*Tullius, sive de coniuganda latinitate cum doctrina et eloquentia libri quadraginta*) –, mas também em relação ao Direito e à Medicina, Frei Manuel do Cenáculo não chega a comentar tal esboço. Em carta de 14 de Dezembro de 1772, regista, todavia, a intenção de um comentário cuidado⁵¹. Mas não passará nunca daí. Elogiará *La defensa del Rei Witiza*, que Mayans alega ter sido «recibida mui mal»⁵², mas não chegará a referir o projecto particular de Mayans para a Universidade de Valência, ainda que, em carta ligeiramente posterior, de 8 de Fevereiro de 1773, o valenciano tenha procedido, como acima se acentuou, aos louvores, algo condicionados, dos Estatutos da Universidade de Coimbra. Sabe-se como 1772 foi para D. Gregorio um ano terrível, em que viu fracassarem não só as suas propostas particulares para Universidade de Valência, mas também o desejo de que a sua Gramática latina, a *Idea de la Gramatica latina* (1767), fosse aprovada como texto nas universidades espanholas, circunstância que lhe provocou uma enorme mágoa, sentindo-se vítima de intrigas de corte.

Por essa razão ou por outra, Cenáculo manteve sempre um constante e talvez discreto silêncio face ao Plano de Estudos geral ou ao projecto particular para a universidade valenciana, como se não quisesse intervir em questão tão espinhosa e fecunda de consequências, ele que ocupava um lugar cimeiro no quadro político português do tempo. Contudo, em relação ao que representava, provavelmente, o fruto mais querido do labor de Mayans, a gramática latina, mas que era apesar de tudo, um aspecto mais particular, embora absolutamente fundamental, Frei Manuel foi ajudando a divulgá-la, referindo-se-lhe várias vezes, dizendo-se até disposto a experimentá-la, como se opinar face a projectos gerais de reforma, marcados já pelo insucesso institucional, e desse ponto de vista as datas revelam-se absolutamente fundamentais para ensaiar uma interpretação, pudesse representar uma intromissão nas orientações da política pedagógica do país vizinho, enquanto a apreciação face a um compêndio particular relevasse, apesar de tudo, de posições mais individuais e de menor repercussão⁵³.

Dentro do cenário traçado, e apesar dos silêncios legitimados, para cada um dos elementos desta forte corrente epistolográfica, por condições e circunstâncias que enquadram e deixam perceber opções e juízos de valor, haverá sempre que sublinhar que esta troca de ideias, livros, manuscritos, projectos... em muito traduz a noção de pertença a uma «república das letras», em

50. M. H. PIWNIK, «La correspondance», 520-521.

51. «Tenho destinado a escrever a V. S. Ill.^{mo} muito de espaço nestes dias Natalícios (em que terei algumas horas vagas) sobre Illici, Witiza, e seo Plano para a Universidade de Valença, porque as minhas occupações não me dão liberdade para escrever nestes dias.» («La correspondance», 526).

52. «Mi Defensa del Rei Witiza ha sido recibida mui mal de los que no pueden leer con paciencia la justa censura del Regicidio, la de Juan de Mariana, i las alabanzas del Sr. Roda [...]». (M. H. PIWNIK, «La correspondance», 526).

53. Referências que cruzam a correspondência trocada. V. M.-H. PIWNIK, «La correspondance Mayans-Cenáculo».

que esta unidade «literária» peninsular parecia funcionar em plenitude. E tal não impede, antes propicia, a reflexão sobre os diferentes itinerários pedagógicos em Portugal e Espanha, sobretudo em termos de «quadro universitário», simultaneamente dependentes e plenos de consequências políticas, evidenciando alguma sintonia nos princípios, mas muita diversidade na aplicação prática.